



FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARCELO FRANCISCO DE ARAUJO FILHO

**O “BLACK LIVES MATTER” E SEU CARÁTER TRANSNACIONAL COMO
ELEMENTO DESAFIANTE AO REALISMO POLÍTICO**

RECIFE-PE

2021

MARCELO FRANCISCO DE ARAUJO FILHO

**O “BLACK LIVES MATTER” E SEU CARÁTER TRANSNACIONAL COMO
ELEMENTO DESAFIANTE AO REALISMO POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para a banca examinadora do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas de Instrução Cristã – FADIC.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Lira.

**RECIFE - PE
2021**

Em memória às vítimas do racismo policial por através
do globo. A luta vive e a vida negra importa.

...-Negra sou

De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo

Não quero

E vou rir daqueles,

que por evitar – segundo eles –

que por evitar-nos algum dissabor

Chamam aos negros de gente de cor

E de que cor!

NEGRA

E como soa lindo!

NEGRO

E que ritmo tem!

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negro Negro

Negro Negro Negrol...

(Victoria Santa Cruz)

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à professora Luciana Lira, pela atenção e orientação paciente ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Aos Professores Pedro Paulo Procópio, Pedro Soares, Charles Hodges e Luís Emanuel pelas conversas, conselhos e direcionamentos frutíferos. E aos demais professores que contribuíram para o meu processo de aprendizagem na Faculdade.

Ao meus pais Dora e Marcondes Lima que estabeleceram desde pequeno um modelo de ética e responsabilidade fundamentais para que conseguisse seguir em frente com meus sonhos, minha avó paterna Dona Zezé por ser uma fonte inesgotável de ternura e carinho, meus tios Adriana Cruz e Gilberto Silva pela paciência e crença nas minhas capacidades, meus queridos irmãos Murilo e Matheus Lima que me enchem de razões para sorrir mesmo quando o mundo torna-se monocromático.

Aos meus amigos da Faculdade Damas, em especial, Maria Eduarda e Drielle Holanda por serem inspirações de compromisso e excelência, a Wanessa Teixeira, Ingrid Diethelm, Rafael Gorga, Eridson Igor, Jamile Dornelas, Danielle Neves, Mibsan Santos, Mizuki Osera entre tantos outros que passaram por essa parte da minha história e legaram força e amor.

A meus queridos amigos de longa caminhada, Arthur Andrade por ser um constante lembrete dos meus deveres de casa, Isabela Itabayana que me mostrou o poder da individualidade em uma sociedade de massas, Lizzie pelo carinho e amor e João Paulo Lins que tem sido simplesmente um forte quando fui fraqueza.

Aos demais amigos que a vida me presenteou.

Ao Instituto Raid, especialmente a minha terapeuta Jacinta Caldas, que tem sido um espelho fiel das minhas sintomáticas e uma mão amiga na busca em superá-las.

A todos os funcionários da Instituição que contribuíram de forma indireta, mas relevante, para a concretização deste trabalho e que acompanharam a minha caminhada nesses quatro anos e meio na Faculdade.

A mim, por nunca ter desistido frente a variados desafios da vida. Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho analisa a atuação do movimento social Black Lives Matter e seus desdobramentos como elementos que desafiam ao convencional conhecimento no campo das Relações Internacionais. Tal movimento busca a equidade entre as raças e enfatiza o valor da vida negra em meio a um mundo enraizado em velhos valores colonialistas. Os âmbitos histórico e sociocultural balizaram as análises para melhor compreender o caso da experiência negra nos Estados Unidos da América. A teoria Construtivista, especificamente a contribuição de Alexander Wendt, foi empregada para promover uma reflexão crítica a respeito do tema, focado nos atores não Estatais como agentes promotores da mudança estrutural. Conteúdo documental histórico da ordem doméstica Estadunidense, juntamente a análise da luta de libertação negra foram utilizados para promover o estudo exploratório do tema, evidenciando os resultados concretos alcançados por essas instâncias e ressaltando a impunidade quanto à violação dos direitos humanos dessa comunidade. O trabalho busca também manifestar a necessidade de ação imediata no sentido de sanar esse processo de violência sancionada pelo Estado, que tem se manifestado, especialmente, através do emprego da força policial de uma instituição de policial intrinsecamente racista e predatória.

Palavras-chave: libertação negra; violação dos direitos humanos; Estados Unidos da América; construtivismo de wendt.

ABSTRACT

The present piece of work analyzes the performance of the Black Lives Matter as a social movement and its unfolding elements that defy conventional knowledge in the field of International Relations. This movement seeks equity between the races and emphasizes the value of black life in the midst of a world rooted in old colonialistic values. The historical and socio-cultural spheres guided the analyzes to better understand the case of the black experience in the United States of America. The Constructivist theory, specifically the contribution of Alexander Wendt, was used to promote a critical reflection on the theme, focused on non-State actors as agents that promote structural change. Historical documentary content of the American domestic order together with the analysis of the struggle for black liberation were used to promote the exploratory study of the theme, highlighting the concrete results achieved by these instances and highlighting the impunity regarding the violation of the human rights of this community. This piece of work also seeks to demonstrate the need for immediate action to remedy this state-sanctioned murder process by employing an intrinsically racist and predatory police department.

Keywords: black liberation; violation of human rights; USA; wendt's constructivism.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 | AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS | 9 |
| 2.1 | O Realismo clássico | 9 |
| 2.2 | Neorrealismo (realismo estrutural) | 11 |
| 2.3 | Debates contemporâneos: o neoclássico | 13 |
| 2.4 | O debate construtivista | 15 |
| 3 | O SONHO AMERICANO | 17 |
| 3.1 | Não atire | 18 |
| 3.2 | A queda de Jim Crow | 21 |
| 3.3 | A elite negra | 24 |
| 3.4 | O Acordar negro: vidas negras importam | 26 |
| 4 | O MOVIMENTO <i>BLACK LIVES MATTER</i> E A GLOBALIZAÇÃO | 28 |
| 4.1 | O construtivismo de Wendt na luta da liberação negra | 29 |
| 4.2 | O capitalismo e a liberdade | 31 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| | REFERÊNCIAS | 36 |

1 INTRODUÇÃO

A análise das relações internacionais requer um grau de complexidade alto, devido os processos de formulação e de implementação de suas teorias, abrangendo fatores denatureza tangível – políticos, econômicos e estratégicos – e cognitivos, como as percepções, ideias, visões de mundo, identidades e interesses. Desse modo, variáveis de ambas as ordens são de mesmo valor para entendermos o jogo político que se ambienta entre os Estados.

Terá o Realismo de Morgenthau perdido completamente sua influência sobre os estudos do macrocosmo político no mundo contemporâneo? E se assim for, até que ponto as teorias pós-modernas têm a capacidade intrínseca de melhor analisar o comportamento da política externa dos Estados e, portanto, podem contemplar, de forma relevante, questões como o transbordamento dos movimentos sociais pelo globo?

A importância da identidade na política internacional, e, sobretudo a identidade negra, uma vez que será minha instância ilustrativa neste trabalho, é primordial: é na identidade que reside o mundo das ideias e preconceitos, é através da identidade que grupos minoritários conseguem se reafirmar em um mundo dominado pela hegemonia das grandes potências e é pela proteção dessa identidade que a luta existe.

O movimento pela equidade das raças tem suas raízes em um passado colonialista, cuja presença ainda é forte e de relevância nos presentes tempos modernos. Diante dessa importância, é necessário considerar que os meios e instrumentos convencionais presentes no corpo teórico das relações internacionais possam ter que se adaptar estruturalmente para que continue sendo substancial para compreendermos o sujeito no mundo, figura desconsiderada pelo realismo e seu corpo teórico.

O objetivo geral neste trabalho é investigar a atuação do movimento *Black Lives Matter* pelo prisma da Escola construtivista e seus desdobramentos diretamente na conjuntura teórica das relações internacionais, analisando de forma cognitiva as ideias que embasam tal área do conhecimento e concomitantemente sua influência no mundo material. Especificamente, pretende-se levantar os resultados de pesquisa de aspectos-chaves da natureza dos movimentos sociais na onda *anti-establishment* que vivemos na política contemporânea e ilustrar como se dá essa ligação do indivíduo ao grupo identitário e como concretamente uma pessoa que tem sua ligação nacional a um Estado Soberano, com suas particularidades próprias, é movida a atuar em favor de um evento em outro Estado com sua outra própria realidade.

Uma vez que, quanto às origens do movimento negro e ascensão dentro da cultura ocidental, o papel do movimento Estadunidense *Black Lives Matter* atinge uma notoriedade devido à atual conjuntura mundial, reocupando as pautas dos jornais e mídias sociais, ignorando completamente as fronteiras físicas, a pesquisa proposta se justifica a partir da necessidade de compreender a complexa interação entre os governos e seus respectivos povos com o movimento em questão, cuja bandeira critica primordialmente a brutalidade dos departamentos de polícia nos Estados Unidos da América com sua população negra e ao mesmo tempo que fala de uma ordem doméstica específica, parece expressar a luta anti- racista global.

2 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O estudo das Relações Internacionais nasceu diretamente da necessidade do homem moderno em entender o mundo que o cerca. O compreender do macrocosmo que são os Estados e sua natureza não apenas é essencial para evitarmos repetir erros trágicos do passado como concomitantemente nos guia a um futuro de menores incertezas frente a uma globalização que não está desacelerando nem tão breve. Logo, as teorias das Relações Internacionais se objetivam à elaboração de conceitos e métodos que venham a facilitar a ilustração do funcionamento do sistema internacional, bem como estudar os fenômenos, atores e acontecimentos importantes que moldam a política mundial. Para que possamos começar a entender como a experiência negra traz consigo interessante aspectos a dinâmica mundial, se faz necessário que façamos uma retrospectiva da Disciplina que estuda essa mesma dinâmica: As Relações Internacionais.

Convencionalmente, o marco histórico que norteia a formação dos primeiros debates e o primeiro departamento destinado a organizar o esboço da disciplina foi a primeira grande guerra que, devido a esta, na universidade escocesa de Aberystwyth, acadêmicos se reuniram com a preocupação normativa de entender o fenômeno da guerra para que a humanidade não fosse exposta novamente às consequências nefastas de eventos dessa natureza.

Em 1939, Edward Hallet Carr, diplomata britânico aposentado, publicou seu livro *Vinte anos de crise*, em que Carr traz à tona uma crítica aos primeiros estudos da área, que tinham um prisma normativo de estudo—de como o mundo *deveria* ser ao invés de como o mundo realmente *é*. Ainda segundo Carr, foi justamente este ponto cego nos estudos dos pioneiros das relações internacionais que os impediram de elaborar instrumentos analíticos que permitissem prever a vinda da Segunda Guerra Mundial.

Foi devido à contribuição de Edward Carr que a estrutura do realismo surgiu, uma corrente de debates e escola que ainda hoje têm alta relevância para a disciplina, separando os idealistas utópicos (como Carr se referiu à os primeiros pensadores da área) do segundo grupo, que chamou de Realismo—os que debateram o mundo como realmente *é*.

2.1 O Realismo clássico

Embora sendo intrinsecamente uma área de estudos que dialoga simultaneamente com

outras antigas e bem estabelecidas ciências sociais, foi através do rico debate realista que as Relações Internacionais iniciaram um processo de formação de sua identidade própria e autonomia dos demais estudos que esta engloba. Nesta busca de legitimidade e maior autonomia, o realismo começa sua jornada de debates resgatando autores clássicos que tinham cunho internacional em suas obras.

Maquiavel em *O príncipe* traz diretamente a contribuição com a noção de poder e a básica premissa realista de que tudo que um Estado faz é para sua sobrevivência. Vale enfatizar que, segundo os realistas, Maquiavel tem sua obra discorrida em cima do mundo como se manifesta. Tucídides, por sua vez, lega aos estudos em pauta, na leitura de sua obra pelo prisma realista, dois conceitos que seriam, mais tarde, batizados: o primeiro é o da *anarquia internacional*, que denota a falta de um poder soberano em nível internacional que tenha legitimidade para garantir a sobrevivência dos Estados, levando os mesmos a engajarem guerras, e o interesse nacional primário de qualquer Estado Nacional—a sobrevivência. Ambos os autores citados separam bem a figura do Estado dos valores éticos e morais humanos; logo, a moralidade que se aplica ao indivíduo não dita as decisões dos governos soberanos.

Por último, e igualmente basilar para os Realistas, temos a leitura de Hobbes, em que é apresentado o estado de natureza humano, que é basicamente como se apresenta o plano internacional. Hobbes também traz a noção de que a anarquia internacional é uma característica permanente do mundo, uma vez que seria impossível estabelecer um poder maior que o soberano que tivesse legitimidade do uso da força, pela simples conceituação da Soberania Estatal.

Portanto, é nessa percepção negativa da natureza humana embebida em nomes bem reconhecidos no campo das ciências sociais que o Realismo estabelece suas premissas: a centralidade do sistema na figura do Estado, que por sua vez busca sua própria sobrevivência e lança mão do poder como instrumento determinante nessa eterna dicotomia (soberano domesticamente e Anárquicos internacionalmente), seja pela via das alianças como da força.

Hans Joachim Morgenthau, nascido em 1904 na cidade de Coburg, Alemanha, foi um cientista político e historiador que emigrou para os Estados Unidos em meio à ascensão do partido nazista. Fez sua contribuição de maior relevância às Relações Internacionais em 1948 com a publicação de sua obra *Politics Among Nations*, em que de fato organizou e deu consistência à abordagem teórica que é o realismo, de acordo com Nogueira e Mezzari (2005, p. 33):

Morgenthau estabeleceu seis princípios básicos que, segundo ele, eram fundamentais para analisar e lidar com as relações internacionais. Tais princípios básicos foram erguidos por Morgenthau como os princípios que diferenciam e definem o realismo em relação a qualquer outra perspectiva ou teoria nas relações internacionais, assim como a disciplina em relação às demais ciências humanas. São esses princípios:

Primeiro princípio: A política é governada por leis objetivas que refletem a natureza humana, destacando a ênfase nos conceitos tanto de lei quanto o de objetividade. Morgenthau define *lei* como uma repetição consistente dos eventos, e a *objetividade* fala do caráter imutável dos fenômenos da política, uma vez que a condição da natureza humana é premissa para o estudo da política, e essa natureza e/ou essência humana é imutável.

Segundo princípio: interesses são definidos em termos de poder, logo, não irão ser baseados em motivações pessoais ou preferências ideológicas (-bons motivos não necessariamente levam ao sucesso das políticas!). Para Morgenthau, todos os Estados têm o mesmo objetivo: a busca pelo poder.

Terceiro princípio: poder é um conceito universalmente definido. Mas a expressão do poder varia com o contexto e o lugar nos quais este poder é exercido.

Quarto princípio: os princípios morais são importantes como guias da ação política, mas devem estar subordinados aos interesses da ação política. O estadista tem de ter claro que a segurança e os interesses do Estado não estão ameaçados.

Quinto princípio: os princípios morais não são universais, mas sim particulares.

Sexto princípio: autonomia da esfera política em relação às demais esferas, como a política, a jurídica e religiosa. A política estuda fenômenos específicos e que a tornam total e legitimamente autônoma em relação às demais esferas sociais.

Ou seja, para Morgenthau, o que define o interesse nacional é o Estado. Afinal, devido ao anárquico sistema internacional, o Estadista sempre irá buscar a sobrevivência do mesmo, sendo toda política resumida em três objetivos: a manutenção do poder (*status quo*), a expansão do mesmo (imperialismo) ou a busca pelo prestígio, que seria impressionar a comunidade internacional pela via da força ou da diplomacia, sendo o ápice deste prestígio o uso da força obsoleto.

2.2 Neorealismo (realismo estrutural)

Com a publicação da obra de Morgenthau estruturando o pensamento realista, vários debates tomaram conta da área nas décadas subsequentes. Embora tanto o conceito de anarquia quanto de poder tivessem sido largamente aceitos pela comunidade acadêmica, os debates se especificaram a um ponto que não mais podiam ser ignorados.

O realismo não era suficiente para o estudo e análise das relações internacionais, e foi em meio a esse constante ruir da escola realista que Kenneth Waltz publica, no final da década

de 70, *Theory of International Relations*, em que busca resgatar o realismo de suas várias críticas, e foi em resposta à crescente demanda que Waltz estabelece uma teoria que batizou de *neorealismo*, um corpo teórico que busca preservar o conhecimento realista da sociedade internacional, embora atribua ao clássico pensamento mais rigor, eficiência e elegância.

Conforme Waltz, seu realismo poderia ser também conhecido como o realismo estrutural, muito embora o conceito de *estrutural* seja convencionalmente a busca por explicar a mudança e até mesmo a inevitabilidade desta. Waltz usa desse modelo de pensamento para tentar explicar a repetição e continuidade dos eventos historicamente sendo a guerra.

Waltz põe no centro de seus estudos a pergunta do porquê sempre houve guerra, desde Tucídides na guerra de Peloponeso ou na Itália maquiavélica. A resposta que o mesmo atribui a essa pergunta central é a anarquia internacional, e devido à sua natureza imutável, esse seria um evento condenado à repetição através da história. Para Waltz a resposta só poderia residir na imagem do sistema internacional, em que o autor falha em diferenciar da estrutura e negligencia as outras duas imagens que o mesmo havia estabelecido previamente: o Estado e o homem, o que conseqüentemente limitou ainda mais a complexidade do realismo.

Embora Waltz não menospreze complemente as unidades (Estados), como o mesmo se refere, ele alega que a estrutura não se resume à soma das unidades, uma vez que esse seria um escopo limitado, e que a estrutura constrange, limita e orienta as unidades- agentes; não o inverso. Sem a preocupação em distinguir a estrutura do sistema, Waltz usa dos conceitos de forma intercambiável: para ele, a estrutura lança mão de duas vias pela qual ordena o sistema. A primeira seria a cooperação entre os Estados e a segunda a competição. Através da cooperação os Estados começam a ter indicações do que seria aceitável, mesmo que não exclua inteiramente a possibilidade de que, mesmo assim, tenha unidades que desafiem o aceitável. Waltz afirma que estas exceções sofreriam a marginalização no sistema e possíveis sanções que a desencorajariam a seguir tal caminho. Já a competição funcionaria de forma complementar a socialização, sem que uma exista em detrimento da outra. Através da via da competição, os Estados mais bem-sucedidos seriam copiados por aqueles que estão na busca do sucesso.

Ainda segundo Waltz, a estrutura internacional, assim como qualquer estrutura, é definida por meio de três características: a primeira seria o princípio ordenador, em que existem apenas duas possibilidades, hierarquia ou anarquia, e como o mesmo admite a impossibilidade de uma hierarquia entre os Estados, o sistema internacional seria necessariamente anárquico. A

segunda característica estrutural que Waltz traz é a característica de suas unidades. Neste ponto, devido à premissa de que cada Estado somente pode contar integralmente com suas capacidades, é descartado uma possível divisão de trabalho entre as unidades do sistema internacional. Logo, é tarefa de cada Estado prover para sua própria sobrevivência e não depender de outra unidade. Por último e excepcionalmente, Waltz traz a única característica mutável da estrutura, que seria a distribuição de poder entre as unidades, podendo ser bipolar ou multipolar. Neste quesito é descartado a possibilidade de um sistema unipolar, uma vez que se confundiria com uma hierarquia, algo que não poderia acontecer como visto previamente, e seria um sistema bipolar mais estável que o multipolar. Afinal em um sistema bipolar existiria menos espaço para jogos duplos e alianças não declaradas, o que aumentaria a transparência no sistema, diminuindo concomitantemente as incertezas que levam a conflitos. Outro detalhe que devemos salientar é que, em um sistema bipolar, a preocupação de cada polo estaria concentrada no polo oposto e não dispersa em vários polos, diminuindo também as incertezas.

Outro grande nome do neorealismo é o de Robert Gilpin. Este discorda com Waltz em relação ao último ponto apresentado. Para Gilpin, a estabilidade do sistema internacional reside na existência de uma ou mais potências hegemônicas, sendo estas hegemônicas ou imperiais, bipolar ou multipolar. Ainda de acordo com Robert Gilpin, a estabilidade seria mantida justamente por esses atores, uma vez que também são estes que iriam arcar com o custo do funcionamento do sistema, e quando eventualmente existisse uma potência que viesse a desafiar o status quo, esta somente seria bem-sucedida quando os custos do desafio fossem inferiores ao possível ganho, a menos que a potência desafiada abrisse espaço para a potência emergente, tendo em mente que, ao fazer isto, a nova potência teria suas próprias regras. Outra diferença entre o pensamento de Waltz e Gilpin é que, para o segundo, o interesse nacional é moldado em termos de poder e bem-estar. Para Gilpin, existiriam três tipos de mudança possíveis no sistema. A primeira seria quanto à natureza dos atores que compõem o sistema; a segunda, quanto à natureza do sistema em si, quando uma potência hegemônica é substituída por outra; e por último na interação predominante neste sistema.

2.3 Debates contemporâneos: o neoclássico

Trazendo agora o rico debate do corpo teórico Realista e suas derivações para os tempos atuais, pode-se dizer que a década de 90 foi um novo momento para os estudos das relações internacionais. Primeiramente, deve-se levar em conta a ascensão de novas pautas como a globalização, a nova onda de criticismo ao Realismo, que foi culpado por não prever a queda da

união soviética e, mais do que isso, foi posto em pauta a incapacidade desta escola em adaptar-se ao mundo pós-guerra fria. Somando a isto, os estudiosos pós-positivistas foram mais fundo em rever inclusive os alicerces epistemológicos da Escola. No outro lado da moeda, a reação dos realistas foi justamente em enfatizar a riqueza do Realismo clássico, afirmando que o destaque dado ao realismo estrutural conforme Waltz foi o culpado pelo empobrecimento desta rica corrente e concomitantemente de seu poder de análise do sistema internacional, e por isso um retorno ao velho realismo foi natural.

Em relação à onda de escrutínio ao Neorealismo Waltziano, podemos afirmar que foi o Waltz que levou a esse momento. Tudo começa com a declaração do próprio autor em afirmar sua teoria como uma teoria de política internacional e estabelecer a balança de poder como alicerce de sua formulação. Outra razão seria a que citamos anteriormente, o uso do pensamento estruturalista de uma forma reducionista em que a mudança teria pouco ou quase nenhuma vez. Waltz concluiu seu estudo com outra ousada afirmação: que seu Realismo é atemporal e universal, sendo também a única forma viável de realismo, embora seja inegável que foi justamente a contribuição de Waltz que relocou o Realismo das margens da história para o centro do debate. Voltando à reação realista, podemos dividi-la em três tendências:

A primeira, liderada por Barry Buzan, Richard Little e Jones, que focaram no caráter estruturalista da obra de Waltz. Os mesmos buscaram a correção dos erros para tornar o neorealismo uma teoria verdadeiramente Estruturalista, uma vez que, segundo o trio, Waltz teve sua falha em caracterizar sua teoria como Estrutural e ao mesmo tempo não diferenciar Estrutura de sistema, e ao confundir estrutura e sistema, passa despercebido o fato de que a estrutura é uma amalgama dos sistemas e suas unidades, e por isso é sim possível produzir uma teoria tanto no nível do sistema como de suas unidades. Além disso, ao negligenciar a interação das unidades entre si e com o próprio sistema, Waltz falhou em evidenciar que é justamente essa complexidade que faz da estrutura não ser reduzida às características das suas unidades, então o trio, embora usasse o molde neorrealista de Waltz e seu corpo argumentativo, modificaram a teoria estruturalista para que pudessem acomodar as críticas e manter a relevância de sua contribuição.

A segunda vertente, liderada por Christopher Layne, buscou defender a continuidade e validade do pensamento Waltziano, assumindo uma posição defensiva em prol da herança legada pelo realismo de Waltz e, ao mesmo tempo, ofensiva ao criticar o conceito da paz democrática liberal, separando a natureza do sistema da natureza dos regimes e enfatizando a impossibilidade

de domesticar a ordem anárquica do macrocosmo internacional. A respeito do momento unipolar pós-guerra fria experimentado, Layne sustenta a inevitabilidade da permanência desta manifestação do sistema, mantendo sua defesa consistente a Waltz.

A última tendência de pensadores que reagiram ao criticismo contemporâneo ao realismo foi liderada pelo próprio Waltz: são os *neorrealistas defensivos*, nome derivado do argumento principal usado por esse grupo, que afirma que as grandes potências buscam sempre manter o status quo, e para isso lançaram mão de antigos e relevantes na atualidade debates ao Realismo e às Relações internacionais. Do outro lado desta mesma moeda, porém, foi liderado por John Mersheimer, que foi chamado de *neorrealismo ofensivo*. Inspirado por Morgenthau, esse afirma que as grandes potências estão em uma contínua busca pelo aumento do poder, buscando até mesmo brechas deixadas por aliados, o que levam estas potências a ocuparem lugares mais consolidados no jogo de poder do sistema internacional.

Como já podemos constatar o corpo teórico das relações internacionais é altamente pluralista e de natureza mutável, em vista que seus debates centrais estão longe de serem encerrados, o escopo dessa pesquisa em muitos níveis se identifica com a própria constituição dos Estados e seu posicionamento na sociedade internacional, e por isso adota como teoria de embasamento o construtivismo, este que por sua vez, pela primeira vez na evolução dos debates que servem de marcos teóricos das RI's retira o caráter reducionista dos debates metodológicos convencionais positivistas desse campo de estudos e redireciona ao que antes foi considerado como incontestável, a natureza ontológica do que se estuda.

2.4 O debate construtivista

Proveniente das obras de Nicholas Onuf em 1989, *World of Our Making - Rules and Rule in Social Theory and International relations*, concomitantemente com o artigo de 1992 de Alexander Wendt, *Anarchy Is What States Make Of It*, o construtivismo é uma contribuição considerada por muitos analistas das relações internacionais, como ponte entre a corrente racionalista predominante na área e os reflexivistas, nesta corrente teórica de diversas interpretações, a premissa em comum que podemos elencar é a que o mundo é produto de uma construção social, portanto o principal protagonista é a sociedade internacional, ou mais especificamente a troca entre agentes/estrutura, debate este que por sua vez, não se limita às relações internacionais, como transborda de outras ciências sociais, ênfase para a Sociologia.

O debate agora não é mais restrito a metodologia analítica das RI 's, senão, a ontologia do que estudamos, sem dar antecedência ontológica a estrutura em detrimento dos agentes, o construtivismo afirma que ambos são co construídos pela humanidade, logo, capazes de mudar conforme a necessidade do debate agente/estrutura, para melhor entender e ilustrar essa tradição, durante o projeto lançamos mão da experiência negra nos Estados Unidos da América, e escolhemos a tradição de Wendt pela riqueza de sua construção em relação a identidade.

O fim da União soviética, em meados dos anos 1990, trouxe consigo um grande questionamento ao poder de explicação do convencional corpo teórico das Relações Internacionais, por esse espaço que foi aberto ao debate que o construtivismo de Alexander Wendt ganhou certa notoriedade na academia, com a publicação de *„Anarquia é o que os Estados fazem dela: A construção social das políticas de poder“* (tradução nossa) Wendt revelou a limitação do conceito de anarquia das teorias neorrealistas e neoliberais na explicação das relações internacionais (Wendt, 1992). Em 1999, ele desenvolveu ainda mais a teoria em *„Teoria Social da Política Internacional“* (tradução nossa). No livro, Wendt abriu um caminho moderado no desenvolvimento da teoria construtivista (Guzzin & Leander, 2001) e essencialmente criou um construtivismo "tênue". Ou seja, Wendt reconhece os principais pontos do materialismo e do individualismo, assim como os métodos científicos de investigação social. Ponto este criticado por alguns construtivistas, no entanto, a variante do construtivismo proposta por Wendt tornou-se o ramo mais maduro e influente dentro da teoria (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 162).

3 O SONHO AMERICANO

Em 1865, dia 12 de abril, a guerra civil estadunidense estava oficialmente vencida, o norte contando com a massiva presença de soldados afro-americanos, havia derrotado os sulistas confederados e conseqüentemente a instituição da escravatura. Um ano depois, a primeira declaração oficial definindo cidadania foi proclamada (o ato dos direitos civis de 1866), teoricamente o negro não era mais propriedade dos Estados Unidos era cidadão americano, na realidade as leis que estavam em vigor eram as leis de –Jim Crow, um conjunto de leis que tem a premissa de –iguais mas separados para legitimar a segregação racial e conseqüentemente uma sociedade de classes, conforme o celebre ativista Malcom X disse:

–ao invés de ser liberto para viver o sonho americano, o negro se deparou com o pesadelo americano, uma profunda desigualdade social que transborda para todas as áreas da vida nos Estados Unidos, um Estado que se diz ser a terra do livre, mas que deliberadamente fecha os olhos para um policiamento racista e predatório, que ecoa por toda sua história. (tradução nossa).

No imediato pós-escravidão, a sociedade branca já havia se movimentado para transformar a causa da desigualdade social entre raças em mérito das raças, logo, a razão do sucesso do homem branco estaria em suas intrínsecas qualidades que faltam ao homem negro, que por sua vez, era culpado pela sua própria pobreza, nesta lógica que foi apoiada por uma tendenciosa biologia e no preconceito de uma cultura, a extrema exploração e grande lucratividade do período da escravidão negra, são desconsiderados, e justamente neste problema que reside o chamado, cultura da pobreza, uma lógica que está no subconsciente coletivo ocidental, a cultura da pobreza é localizar os problemas de um determinado grupo minoritário em sua própria comunidade, seguindo esse pensamento a situação da vida negra é culpa de como os mesmos se articulam com a sociedade, foi substituída a resposta que os brancos buscavam na orgânica e não encontraram, por preconceitos e estereótipos legitimizados por uma lógica falaciosa, outra ideia que prejudica e tem forte relação com a cultura da pobreza é a meritocracia, onde os que são bem sucedidos merecem seus privilégios e os marginalizados merecem suas lutas, afinal, meritocracia é o sonho americano, lê-se na declaração de independência –Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade. Então admitir que nem todos os homens gozam da igualdade, que a vida de alguns está em constante risco, que seu mérito

ou luta não dita sua vida e por último que a liberdade é mal distribuída entre seus cidadãos é admitir a própria falácia da utopia Americana, o mesmo autor da declaração de independência dos EUA Thomas Jefferson também famosamente falou — O aperfeiçoamento de negros no corpo e mente, na primeira mistura com brancos, foi observado em cada um, o que prova que sua inferioridade não está meramente na condição que vivem, não é a condição deles, mas, na natureza, que produziu essa distinção.¶

Como poderia os mesmos pioneiros em busca da liberdade, fim da monarquia e estabelecimento de uma justa democracia, ignorar o que acontecia em seu ambiente doméstico? Essa é uma questão que, infelizmente, não pertence a um determinado período da história dos Estados Unidos, a questão dos conterrâneos negros, é a verdade que incomoda o *establishment* branco, por isso, a resposta destes inicialmente foi um sistema segregacionista em que prendia o negro as margens da sociedade, as leis de -Jim Crow¶ não separavam a existência negra apenas teoricamente dos brancos, separava fisicamente os Estados Unidos em duas Américas: a branca de riquezas transgeracionais, e a preta de pobreza igualmente transgeracional.

Enquanto antes foi a opressão advinda do foco na cor de pele que culminou no ato pelos direitos civis de 1964, agora é a falaciosa narrativa de uma sociedade pós-racial daltônica que o movimento de liberação negra luta contra: Em um mundo em que a cor da pele não deve ser enxergada, apenas ignorada, a estrutura opressora construída através da existência do próprio País também é posta em um limbo, a pele não passa na mente do branco pois este não é lembrado de sua própria diariamente, o negro, o hispânico e o indígena, sabem muito bem qual a cor das suas peles, pois são essas que assustam o *mainstream* constituído e operado pelos brancos da sociedade. A verdade é que apagar a pele, é também apagar identidades que foram historicamente injustiçadas, e se não existe injustiça, o paradoxo do sonho americano, não precisa ser discutido, ou sequer questionado, por sua vez, é nesta falsa propaganda que a hegemonia dos Estados Unidos adquire legitimidade, intervir não é um direito, mas dever do governo americano foi esse o caso no Vietnã como em Israel.

3.1 Não atire

Em 2014, policial Daniel Pantaleo segurou Eric Garner, de 43 anos, em um estrangulamento que se recusava a soltar, mesmo em frente à Garner repetindo que não conseguia respirar onze vezes, Eric Garner era suspeito de vender cigarros por unidade, prática

essa que é ilegal nos Estados Unidos, e comumente encontrada em áreas de baixa renda. No mesmo ano, em um parque, em questão de segundos de sua chegada policial Timothy Loehmann atirou fatalmente em Tamir Rice, um garoto de 12 anos que se divertia com uma arma de brinquedo, então Loehmann jogou a irmã do garoto, Tajai, 14 anos, contra o chão algemando-a e colocando a mesma na parte traseira da viatura. Ainda em 2014, Caminhando com um amigo, Michael Brown de 18 anos, foi autuado por um policial branco, Darren Wilson, que no confronto atirou em Brown matando-o, Wilson alegou autodefesa. Um ano depois, Freddie Gray de 25 anos, foi preso e jogado na parte traseira de um furgão com os pés e mãos imobilizados, 45 minutos depois, foi encontrado morto com a coluna fraturada por está sem cinto de segurança e sem condições de se proteger dentro do veículo. Três anos depois, enquanto estava no quintal de sua avó, policiais abriram tiro contra Stephen Clark de 22 anos de idade, foi um total de 20 tiros, com a alegação de que confundiram o celular de Clark por uma arma. Mais atualmente em 2020, Breonna Taylor dormia em casa com o namorado, Kenneth Walker, quando três policiais sem uniforme, executaram um mandato de busca no apartamento do casal relacionado a um caso de drogas, Taylor e Walker acreditavam ser uma invasão quando Walker pegou sua arma licenciada e ligou para o serviço de emergência da polícia, Taylor, que estava desarmada levou seis tiros e faleceu. Três meses depois no mesmo ano, George Floyd, de 46 anos, alegadamente tentou realizar uma compra em uma loja de conveniência com uma nota falsa de 20 dólares, Floyd foi algemado e jogado contra o pavimento, enquanto o policial Derek Chauvin ajoelhou em seu pescoço por 9 minutos e 29 segundos, Floyd implorou aos quatro policiais presentes que não conseguia respirar, entretanto, Chauvin manteve seu joelho na posição mesmo quando Floyd já não respondia mais, em autopsias diferentes a morte de Floyd foi considerada homicídio, mesmo que as causas divergiam. No ano corrente de 2021, Daunte Wriarth, 20 anos, dirigia com sua namorada, quando foi parado por uma violação de trânsito, A policial Kim Porter tentou detê-lo através do uso de um mandato excepcional, enquanto Wriarth tentava retornar ao carro Porter atirou. O chefe de polícia do departamento da oficial, disse que o assassinato de Wriarth havia sido um acidente, segundo o mesmo Kim Porter havia trocado sua arma de choque pela pistola.

Segundo o Washington Post, entre o período de 2015-2021, foram mortas 1511 vidas negras, pela mão do departamento de polícia norte-americano, no parágrafo anterior foram descritos apenas sete mortes de anos variados da última década, sendo que todas essas vidas compartilham ao menos três aspectos em comum, são negros, desarmados e que só tem seu nome conhecido pelo crescente movimento que contradiz o que os números afirmam que a

vida negra não importa.

–O policial branco do gueto é tão ignorante quanto assustado, e todo o seu conceito de trabalho policial é intimidar os nativos. Ele não é obrigado a responder a esses nativos por nada que faça; faça o que fizer, ele sabe que será protegido por seus irmãos, que não permitirão que nada manche a honra da força. Quando seu dia de trabalho termina, ele vai para casa e dorme profundamente em uma cama a quilômetros de distância - quilômetros de distância dos negros, pois é assim que ele realmente pensa os negros. (James Baldwin, *No name in the street*, 1972.)

Para que possamos entender a crise racial presente no departamento de polícia dos Estados Unidos, temos que retornar ao início da América novamente, mais precisamente no pós-abolição da escravatura, quando as teorias raciais que afirmam a inferioridade da raça negra cientificamente foram desbancadas, abrindo espaço para um redirecionamento da narrativa de supremacia branca procurar na cultura e estereótipos do homem negro a justificativa para mantê-los separados, ou seja, criminalizar a pobreza.

A polícia historicamente existe nos Estados Unidos para servir o interesse da elite, e a elite americana é historicamente branca, posto que a ascensão da elite negra seja recente, e que quando o mercado mais lucrativo de um país inerentemente capitalista é proibido por razões de política externa, ou se encontra outro nicho tão lucrativo quanto, ou como foi o caso, alterasse apenas o necessário para que mantenha esse mercado na legalidade. Primeiro criminalizaram a pobreza negra, através de uma institucionalização do racismo pela polícia, que vive em estado de vigília procurando nas comunidades negras –crimes, depois quando bem-sucedido em encarcerar o negro em um modo de vida tragicamente similar ao da escravidão, era possível que o mesmo pagasse sua pena através de trabalho aos seus antigos opressores brancos, que movimentavam suas indústrias por um custo de mão de obra também similar ao período da escravatura, por último depois de pago a pena, o negro com o fardo que foi feito de sua cor e sua ficha de antecedentes criminais, em uma alegoria a própria história de sua comunidade, era libertado em uma sociedade em que o mercado não tem a menor intenção de absorvê-lo relegando ao negro as margens da existência, onde por sua vez estão as atividades ilegais que são os motivos de seu aprisionamento.

Os Estados Unidos tem em seu território, 5% da população mundial de humanos e 25% da população mundial de humanos em regime restrito. O constante assédio da polícia as comunidades minoritárias serve como um amargo lembrete de uma cidadania de segunda classe, cidadania que pode ser retirada pelo simples preconceito de um indivíduo investido da legitimidade Estatal para matar, o negro, o latino e o islã são culpados até que se prove o

contrário, e muitas vezes o contrário é provado depois que a vida já foi cessada.

3.2 A queda de Jim Crow

O nome –Jim Crow‖ foi usado em referência às leis e costumes especificamente criados para restringir direitos civis de afro americanos, a origem do nome data antes da guerra civil, essas são um grande contraste com a promessa do direito a vida, liberdade e procura da felicidade pela declaração de independência que era destinado –ao povo dos Estados Unidos‖ (onde hoje entende-se brancos) que criou a constituição para –promover o bem-estar e assegurar as bênçãos para nós mesmos e a posteridade‖ (onde hoje entende-se para brancos) sendo que essa mesma constituição protegia a escravatura permitindo a importação de humanos até 1808.

A legislação nos Estados Unidos tem sua distribuição de poder que favorece a gestão independente dos estados, estes que no geral permitiam o direito ao voto aos homens brancos e proprietários de terra, nessa época a proporção dos ditos –negros livres‖ era expressivamente reduzida, contudo, esse pequeno grupo que aturava uma discriminação legalizada e políticas segregacionistas já se articulavam em manifestar sua insatisfação, mesmo contando com as rebeliões de escravos, afroamericanos buscavam principalmente os meios não violentos como protestos e desafios ao sistema jurídico, e claro por ser um país democrata havia também as petições recebidas pelos representantes políticos da época.

As primeiras conquistas vieram na primeira metade do século 19, com a crescente demanda de movimentos que miravam o direito ao voto, quase todas as qualificações de propriedade foram retiradas, mesmo que para atender a demanda dos brancos trabalhadores, já sinalizava um otimismo precedente na queda de –Jim Crow‖, Em 1831, em resposta à revolta de escravos –Nat Turner‖ na Virginia os proprietários de escravos no sul pressionaram a passagem de leis que desencorajariam ativismo contra escravatura e preventivas medidas de acesso aos escravos aprenderem a ler ou escrever.

Apesar da repressão o pequeno grupo (mencionado no paragrafo dois) crescia, através de negociações para comprar a liberdade ou escapando, e o crescimento foi notório o suficiente para que a comunidade pudesse organizar-se ao ponto de terem convenções nacionais, onde era discutido o futuro da raça na América, contrariando essa conquista em 1857, a suprema corte rejeitou as reivindicações de cidadania negra, o caso que ficou conhecido como –The Dred Scott decision‖ deixou registrada a forma como os fundadores do País enxergavam a

vida negra como inferior e por isso não deveriam ter acesso aos direitos que do homem branco, ironicamente foi essa decisão que fortaleceu o movimento anti-escravatura, ao enfurecer brancos que não tinham propriedade humana.

Em 1861, o candidato do partido Republicano anti-escravidão, Abraham Lincoln, foi eleito o 16º presidente dos Estados Unidos da América, inicialmente Lincoln não procurou abolir o regime, porém em meio a maior crise do país e o suporte de soldados negros no exército que derrotou o sul em 1863 foi declarada a proclamação de emancipação onde foi retirado do Estado o direito a propriedade escrava, ao final da guerra civil foi ratificada a constituição e adicionada a 13ª, 14ª e 15ª emenda, que abolia a escravatura, garantiam a proteção e igualdade ao ex-escravo e o direito ao voto ao negro homem respectivamente. A verdadeira aplicação do recém-adicionado aparato jurídico foi formalmente aceita quase um século depois pelos antigos estados confederados, e em contraposição ao reconhecimento Estatal do cidadão negro, o regime –Jim Crow foi severamente fortalecido, no caso –Plessy vs Ferguson (1896) a Suprema Corte decidiu pela política de –separado mas iguais‘ onde diretamente ignora a defasagem econômica imposta aos negros.

Em 1955, em um ônibus na cidade de Montgomery Alabama, Rosa Parks se tornaria símbolo do movimento antissegregacionista ao recusar-se a levantar de seu assento na viagem, nota-se que Parks estava em um assento reservado para negro, contudo por estar lotado e com pessoas brancas em pé o motorista, James Blake, ordenou que os passageiros negros levantassem para que os brancos tomassem assento, Parks foi presa por se enquadrar em violação do capítulo 6, seção 11, da lei de segregação do código da cidade de Montgomery, sua fiança foi paga pelo presidente da sede local do NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor) ao qual Parks se filiaria, e o caso de Parks seria usado como emblema para um boicote aos ônibus e massivos protestos por através dos Estados Unidos em prol de agilizar as reformas dos direitos civis, mais tarde, a população que apoiou os boicotes redirecionariam seu porte ao Ministro da Igreja Batista, Dr. Martin Luther King Jr., um seguidor dos ensinamentos de Mohandas Karamchand Gandhi em resistência não violenta, apesar dos muitos atos de intimidação, King seguiu forte em espalhar pelo País sua mensagem de resistência.

Não estou triste que os negros americanos estejam se rebelando; isso não era apenas inevitável, mas eminentemente desejável. Sem esse fermento magnífico entre os negros, as velhas evasões e procrastinações teriam continuado indefinidamente. Homens negros bateram a porta em um passado de passividade mortal. Exceto nos anos da Reconstrução, eles nunca em sua longa história em solo americano lutaram com tanta criatividade e coragem por sua liberdade. Estes são nossos brilhantes anos de surgimento; embora sejam dolorosos, não podem ser evitados. . . . Nessas

circunstâncias difíceis, a revolução negra é muito mais do que uma luta pelos direitos dos negros. Está forçando a América a enfrentar todas as suas falhas inter-relacionadas - racismo, pobreza, militarismo e materialismo. É expor os males que estão profundamente enraizados em toda a estrutura de nossa sociedade. Ele revela falhas sistêmicas em vez de superficiais e sugere que a reconstrução radical da própria sociedade é a verdadeira questão a ser enfrentada. Os dissidentes de hoje dizem à maioria complacente que chegou a hora em que uma nova evasão da responsabilidade social em um mundo turbulento cortejará o desastre e a morte. A América ainda não mudou porque muitos acham que não precisa mudar, mas esta é a ilusão dos condenados. A América deve mudar porque 23 milhões de cidadãos negros não viverão mais indolentemente em um passado miserável. Eles deixaram o vale do desespero; eles encontraram força na luta. Juntos por aliados brancos, eles vão sacudir as paredes da prisão até cair. A América deve mudar. (KING JR, 1969).

Com a intensidade do movimento fortalecendo, o congresso de equidade racial (CORE), financiou os primeiros ônibus que buscavam ir para o sul do País em prol da reforma dos direitos civis na rede rodoviária, o que facilitou os repugnantes ataques da *Ku Klux Klan*, muitas vezes, fatais aos -viajantes da liberdade pelo trajeto, No meio tempo, no estado da Carolina do norte, estudantes universitários negros ensaiavam uma manifestação inspirada por King, esse protesto que mais tarde se proliferaria e se integraria ao universo simbólico do movimento, os chamados -sit-in consistiam em apenas sentar em locais públicos, contudo, com a tradição que o departamento de polícia opera, confrontos violentos contra manifestantes pacíficos tomaram conta da fotografia da época, pacíficos, uma vez que, era assim que King liderava.

A pressão exercida pelo movimento tomou seu ápice e culminou na marcha de 1963 por empregos e liberdade, uma união entre as raças e suas demandas, este evento tomou lugar na capital do País, Washington D.C, King então proferiu seu legendário discurso -eu tenho um sonho, onde fez uma inteligente ponte entre as aspirações do movimento na estrutura dos valores tradicionais americanos, ele compara a declaração de independência a um cheque a ser compensado urgentemente, o saque nesta metáfora são os direitos a vida, liberdade e a procura pela felicidade.

Sem ter mais como permanecer na negação, muitos americanos brancos tornaram-se aliados obrigando ao governo federal intervir e exercer o acordado em proteger a vida negra, a administração do então presidente, John F. Kennedy introduz então uma legislação que seria conhecida como o -ato dos direitos civis de 1964. Em 1968 o reverendo Martin Luther King, foi assassinado, sua morte lega um triste lembrete sobre a experiência negra: o capítulo pode ter encerrado, todavia, -Jim Crow ainda se manifestaria em outras formas.

Em 1830 um ator branco, Thomas Dartmouth Rice Ganhou notoriedade por interpretar um personagem fictício que servia de caricatura do estereótipo do escravo negro de pouca inteligência, o ator viajou pelos Estados Unidos com o seu personagem que foi extremamente bem aceito pela sociedade branca.

3.3 A elite negra

A dinâmica entre o movimento de libertação negra e o aumento de uma elite negra, é de fato uma das mais dramáticas mudanças que a comunidade já experimentou durante a existência da luta, pela primeira vez na história americana surgem famílias negras com reais poderes políticos, mesmo que de alguma forma não o é suficiente para que o negro comum sinta reais mudanças em sua experiência, embora o 44º presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fosse um homem negro que tem grandes feitos em ser o primeiro homem de cor a ser eleito e reeleito, talvez, á cadeira de maior poder do mundo ocidental, a mudança que é precisa para a libertação ainda não se concretizou, é nítido também que dois mandatos não teriam a capacidade de superar a história por si.

O assassinato de Freddie Gray, mencionado previamente, pode ser considerado o cataclismo que a cidade de Baltimore precisava para expor a desumana condição de vida que o departamento de policia do estado de Maryland tem sujeitado o negro comum, Gray que foi parado sem razão, correu, correu não sem razão como foi à intervenção policial, correu, pois sabia muito bem a infame reputação de quem o havia parado, a policia de Baltimore é notória pela violência abusiva de suas operações, como descrito pelo jornal *The Atlantic*:

Nos últimos quatro anos, mais de 100 pessoas ganharam sentenças ou acordos judiciais relacionados a alegações de brutalidade e violações dos direitos civis. As vítimas incluem um menino de 15 anos andando de bicicleta suja, uma contadora grávida de 26 anos que testemunhou um espancamento, uma mulher de 50 anos vendedora para a igreja, um diácono da igreja de 65 anos rolando um cigarro e uma avó de 87 anos ajudando seu neto ferido. E em quase todos os casos, promotores ou juízes rejeitaram os cartuns contra as vítimas - seé que os cartuns foram apresentados. Em um incidente que ganhou as manchetes recentemente, desenhos animados contra um homem de South Baltimore foram abandonados depois que um vídeo mostrava um policial o socando repetidamente - uma surra que levou o comissário de polícia a dizer que estava "chocado".

A razão pela qual destaco o caso de Gray é pela cidade de Baltimore, que mesmo sendo um exemplo do que a força sancionada pelo Estado não deveria ser, é concomitantemente uma cidade que tem seu controle virtualmente nas mãos de um establishment negro, durante o assassinato de Gray o prefeito e o comissário de policia, eram homens negros, a câmara municipal de 15 membros tinha oito cadeiras ocupadas por afrodescendentes, o superintende

das escolas públicas, negro, e claro Baltimore fica a aproximadamente 50 quilômetros da Casa Branca, onde o primeiro presidente negro residia durante as revoltas pelo caso de Freddie Gray, o que simboliza uma ascendência generalizada do poder negro, mesmo que irregular em sua distribuição por através dos Estados Unidos, já no julgamento do caso de Gray, foi confirmado que três dos seis policiais envolvidos eram negros, o juiz, o promotor e apenas ressaltando a vítima, negros, ainda assim o resultado do julgamento foi inconclusivo.

A presença de negros de poder na hierarquia americana contrapondo o esperadotem sido pouco benigna a libertação, no entanto não podemos afirmar que seja o enriquecimento negro um problema, pelo contrário, a igualdade se sustenta no dinheiro como um pilar em uma ordem capitalista, todavia a forma como esse fenômeno é processado na estrutura vigente leva usualmente ao negro de poder uma indiferença que nada mais é do que participação no aparelho Estatal racista, uma vez que essa presença nutre a ilusão de uma América pós-racial daltônica. Como uma espécie de tokenismo, o negro no mainstream é usado como símbolo e prova de uma narrativa que sustenta o racismo estrutural, segundo essanarrativa, o homem de cor que foi bem-sucedido na América é -branco de almall, sua cor e as implicações dessa foram superadas por meritocracia, e aqueles que não superam esses obstáculos, novamente são por meritocracia, e como citado no começo do capítulo, meritocracia é o sonho americano, e se o sonho americano é possível ao negro, o racismo que toma um caráter ilusório.

Negros eleitos a cargos públicos agem tão passivamente quanto os brancos em mesma posição, embora, em uma neblina de suposta solidariedade racial os danos causados são mais difíceis de rastrear a culpabilidade Estatal, essa manifestação do racismo estrutural é bem simbólica, não apenas diz que o racismo ultrapassa o grupo majoritário branco e atinge o interior do grupo oprimido, como mostra que o ator não importa quando o papel foi desenhado para ser operado de uma determinada forma, a autora de *–#BlackLivesMatter to Black liberation*" Keeanga-Yamahtta Taylor diz em seu livro em relação ao caso do assassinato de Freddie Gray:

Mosby suportou queixas do sindicato da polícia de Baltimore e da mídia por "julgar rapidamente" a acusação da polícia, mas as pressões combinadas de três dias de tumultos em Baltimore, o aumento da raiva negra e o crescente movimento Black Lives Matter brilhando sobre as práticas policiais encorajou Mosby a agir. Ela exemplifica o papel complicado que as autoridades eleitas negras desempenham. Por um lado, ela era, talvez, mais suscetível à pressão do eleitorado Negro, mas, por outro lado, Mosby também tinha a responsabilidade de ajudar a criar as condições que levaram à morte de Gray. Três semanas antes de a polícia capturar e matar Gray, Mosby ordenou pessoalmente ao departamento de polícia que visasse o cruzamento onde encontraram Gray pela primeira vez com –esforços reforçados de repressão às drogasl.

3.4 O Acordar negro: vidas negras importam

Com a conquista dos direitos civis, a comunidade negra estadunidense percebeu que a luta pela liberação negra, agora assegurada politicamente, deveria ser redirecionada as outras esferas que ainda refletem a integração mal executada do grupo oprimido pelo grupo opressor, uma crise de encarceramento em massa, o escrutínio policial constante a vida do cidadão não-branco, o acesso desigual aos meios de crescimento financeiro e a contínua conscientização de como o racismo existe parasitariamente na estrutura estabelecida, são algumas das pautas que vieram a tona no crescente movimento, se antes Rosa Parks foi o estopim do movimento pelos direitos civis, o assassinato de George Floyd entra nesse universo compartilhado de ideias sendo o estopim de uma luta contra o Racismo como estrutura vigente.

Em sua última conversa com o ativista Harry Belafonte Jr., Dr. King em lamento disse –Eu me deparei com algo que me perturba profundamente. Lutamos muito e por muito tempo pela integração, como acredito que devemos, sei que vamos vencer. Mas eu acredito que estamos nos integrando a uma casa em chamas. Se no primeiro momento liberdade havia sido imaginado como a inclusão do negro ao mainstream, o 44º presidente, foi um forte indicio que o corte ultrapassa a superfície, liberdade no crescente movimento requer uma melhor compreensão da natureza opressora do sistema e suas origens, liberdade nesse momento implica uma vida de paz sem a constante ameaça de uma sociedade que não atribui valor a vasta maioria negra, liberdade seria um mundo em que a vida negra importa, e viver em tal mundo onde a vida do oprimido é liberada do escrutínio, é consequentemente uma América de transformação social onde todas as vidas são protegidas.

–Para onde vamos a partir daqui, para enfrentarmos honestamente o fato de que o Movimento deve se dirigir à questão da reestruturação de toda a sociedade americana. Existem quarenta milhões de pobres aqui. E um dia devemos fazer a pergunta: "Por que existem quarenta milhões de pessoas pobres na América?" E quando você começa a fazer essa pergunta, você está levantando questões sobre o sistema econômico, sobre uma distribuição mais ampla da riqueza. Quando você faz essa pergunta, você começa a questionar a economia capitalista. E estou simplesmente dizendo que cada vez mais, temos que começar a fazer perguntas sobre toda a sociedade. Somos chamados a ajudar os mendigos desanimados no mercado da vida. Mas um dia veremos que um edifício que produz mendigos precisa ser reestruturado. Isso significa que as questões devem ser levantadas. Veja meus amigos, quando você lida com isso, você começa a fazer a pergunta: "Quem é o dono do óleo?" Você começa a fazer a pergunta: "Quem é o dono do minério de ferro?" Você começa a fazer a seguinte pergunta: "Por que as pessoas têm que pagar contas de água em um mundo onde há dois terços de água?!" (KING JR.)

No verão de 2014, a classe negra trabalhadora da cidade de Ferguson se rebelou contra o regime tirano do departamento de polícia responsável pela morte de Mike Brown, a luta local

inspirou uma nova onda de protestos negros pelo País tomar as ruas e enfrentar a polícia demandando um reconhecimento que tem sido negado por através da história, ‘Black Lives Matter’ é o slogan dessa nova parte da experiência negra em busca da libertação, este movimento tem demonstrado que a brutalidade do corpo policial não existe como algo isolado, existe como produto da desigualdade em nossa sociedade.

O racismo nos Estados Unidos nunca foi apenas abusar de pessoas negras e pardas apenas para fazer isso. Sempre foi um meio pelo qual os homens brancos mais poderosos do país justificaram seu governo, ganharam seu dinheiro e mantiveram o resto de nós à distância. Para tanto, racismo, capitalismo e domínio de classe sempre estiveram emaranhados de tal forma que é impossível imaginar um sem o outro. Pode haver libertação negra nos Estados Unidos da forma como o país está atualmente constituído? Não. O capitalismo depende da ausência de liberdade e libertação para os negros e qualquer outra pessoa que não se beneficie diretamente de sua desordem econômica. Isso, é claro, não significa que não haja nada a fazer e nenhuma luta que valha a pena travar. Construir as lutas contra o racismo, a violência policial, a pobreza, a fome e todas as formas pelas quais a opressão e a exploração se expressam é fundamental para a sobrevivência básica das pessoas nesta sociedade. (TAYLOR, 2016, p. 216.

Os desdobramentos internacionais do movimento, não acontecem baseados na mera solidariedade, no período da segunda guerra mundial os Estados europeus colonizadores perderam todas suas colônias, e seguindo o exemplo americano comunidades negras ao redor do mundo conseguiram traçar os paralelos entre o exemplo norteamericano e suas próprias experiências, o BLM existe em mundo que luta para superar a ordem colonialista, e o suporte entre nações simboliza a articulação dos agentes em mudar a estrutura, a troca de informação estupidamente veloz dos dias atuais, põe o racismo local na tela de celulares pelo globo inteiro, assim como o negro está sujeito a vigília policial assediadora, os policiais estão sujeitos a vigília de uma comunidade internacional cada vez mais fortalecida e consciente de que velhas molduras do passado são antiquadas em um futuro em construção. Esse caráter Transnacional muito presente em outros movimentos minoritários, como os direitos LGBTQ ou a libertação feminina, inserem uma quantidade de poder descomunal, a pressão da comunidade internacional em cada ato de ódio sancionado pelo Estado cria um sistema de prestação de contas pela figura do Estado em sua ordem doméstica e internacional.

4 O MOVIMENTO *BLACK LIVES MATTER* E A GLOBALIZAÇÃO

O fenômeno da transnacionalidade muito presente nos movimentos sociais contemporâneos, tem seus alicerces na revolução tecnológica e de informação advindas da formação de uma sociedade internacional globalizada, a globalização por sua vez iniciou-se nos preceitos do neoliberalismo onde a esfera econômica possibilitou um mundo caracterizado pela interdependência.

Conforme visto no primeiro capítulo, o Realismo político que fundou as relações internacionais deixa claro uma concentração do poder nas mãos dos únicos atores internacionais segundo a escola de pensamento, os Estados, contudo a crescente demanda por justiça social pela sociedade civil internacional que transborda as delimitações geográficas traz consigo uma inerente crítica a premissa Realista do poder soberano ser o único ator no sistema, Tendo em vista a consolidação de novos atores que exercem contribuições na articulação de políticas, celebração de acordos e na elaboração de regimes técnicos gerando uma formação de redes de cooperação multifacetadas, elevação dos fluxos financeiros ecomerciais, marca então o começo de uma nova sociedade internacional, antes moderna e agora contemporânea (BEDIN, 2001).

O mundo globalizado desconhece a noção de ser espacialmente delimitado. Todos os eventos e fatos nele produzidos transbordam fronteiras e escorrem por todo o Planeta, podendo a globalização traduzir-se em um processo que –produz as conexões e os espaços transnacionais e sociais, que revalorizam culturas e põem em cena terceiras culturais, onde globalização significa negação do Estado mundial, ou melhor, dizendo, sociedade mundial sem Estado mundial, sem governo mundial, sem poder hegemônico, sem regime político (OLIVEIRA, 2004, p. 477).

Ver o sistema internacional pela figura das sociedades internacionais ao invés da figura Estatal é uma realidade que não pode ser ignorada, essa rede de interdependência não somente diminui os conflitos mundiais pela via da cooperação, como molda os interesses nacionais serem mais uniformes através da troca de informações de pessoas com experiências parecidas com as populações que tem sua nacionalidade no segundo plano.

Os Estados Unidos da América está longe de ser o criador do Racismo, este existe antes mesmo da concepção dos Estados Soberanos, a perseguição ao povo hebraico é um exemplo notório de racismo que se manifestou em diversas localidades e em diversos períodos da história, logo, simpatizar e/ou aderir a uma causa anti-racista é lutar uma luta que não tem determinação geográfica, existe na humanidade, enfatizando que o existir por si não é justificativa para continuar existindo, manifestações em solidariedade a causa aconteceram no

Rio de Janeiro, Londres, Cape Town, Estocolmo e Toquio e muitas outras comunidades mundialmente, e essas manifestações embora exercam pressão ao governo norte americano, são essencialmente uma resposta universal a um problema concomitantemente universal.

Com a crescente população mundial compartilhando e mutuamente cooperando nas causas sociais em movimentos como a luta negra, o feminismo, a causa LGBTQ etc... estes movimentos per si adquirem poder que mesmo sem soberania é forte o suficiente para impactar a sociedade internacional, então, a noção de que os únicos atores internacionais seriam aqueles que possuem território e outros requisitos convencionais é ultrapassada, o Estado existe, a soberania ainda é poder, todavia existem também vozes que não estão sujeitas a um governo senão a humanidade.

4.1 O construtivismo de Wendt na luta da liberação negra

Durante décadas, o corpo teórico das relações internacionais foi dominado pela dicotomia entre o Realismo e o Liberalismo, sendo o construtivismo inicialmente marginalizado pelo seu foco na construção social ao invés do elo em comum entre as teorias dominantes a construção material (BARKIN, 2017). Wendt colocou em pauta o como as ideias compartilhadas (conhecimento) era de vital importância as relações internacionais.

De acordo com Wendt, -conhecimento socialmente compartilhado é conhecimento que é comum e conectado entre os indivíduos. Primeiramente, Alexander Wendt indicou que -as estruturas da associação humana são determinadas principalmente por ideias compartilhadas, e não por forças materiais. discordando da premissa de que as estruturas de associação humana são construídas por fenômenos da ordem material como definido pelas teorias do neorealismo e do neoliberalismo. Mesmo que ele não nega a existência de fatos objetivos. Ele acredita que o elemento material existe e também não pode ser ignorado. Wendt explicou que embora reconhecesse a existência de fatores materiais, esses fatores em sua teoria não desempenham um papel crucial em sua teoria; em vez disso, ele indica que as ideias compartilhadas são os elementos mais importantes nas relações internacionais. Wendt chamou sua suposição de materialismo traseiro.

Ainda de acordo com Wendt, a identidade também seria produto desta construção social, ao invés de ser inerente ao naturalismo, e em relação ao princípio de determinação aos interesses nacionais esse deslocamento do material para o mundo das ideias também se aplica, embora

tenha uma base material, um exemplo para ilustrar esse pensamento seria o território nacional, embora a nação exista previamente ao constituído território de um Estado, o último é a materialização do primeiro.

Portanto a identidade reside nas ideias compartilhadas, especificamente na consciência e memória coletiva. Wendt categoriza as identidades em quatro tipos:

- Pessoa ou empresa: Consiste em estruturas homeostáticas auto-organizadas que diferenciam os atores de outras entidades
- Tipo: Refere-se a uma categoria social ou rótulo que é adequado para as pessoas que têm uma ou mais características, em termos de aparência, características comportamentais, atitudes, valores, habilidades (por exemplo, linguagem), conhecimento, opiniões, experiências, semelhanças históricas (como região ou local de nascimento), etc (FEARON 1997, p. 14).
- Função: Dependem da cultura e dependem mais dos outros. Se as identidades de tipo forem pré-sociais (não dependentes da sociedade), as identidades de papel não serão baseadas em atributos intrínsecos. Portanto, eles estão relacionados apenas a outros atributos (WENDT, 1999, p. 227).
- Coletiva: Considera a relação entre o eu e o outro, como conclusão de lógica, saber, e identificações semelhantes. A identidade coletiva é uma combinação única de identidade de função e identidade de tipo. Ele tem poder causal para que possa induzir os atores a definir os interesses dos outros como parte do interesse próprio, ou seja, permite que eles possuam altruísmo.

Exceto para o primeiro tipo de identidade, os outros três podem ser exibidos simultaneamente no mesmo ator. Em termos de interesses nacionais, Wendt também tem um ponto de vista diferente da teoria neorrealista. Waltz assume que o único interesse dos Estados é a sobrevivência (WALTZ, 1979). Em uma versão mais detalhista Wendt acredita que os interesses nacionais incluem os quatro interesses objetivos de sobrevivência, autonomia, independência, bem-estar econômico e auto-estima coletiva (WENDT, 1999, p. 235-237).

Uma vez que o interesse do Estado transcende a primária necessidade de sobrevivência,

Wendt redimensiona o conceito de Estado conforme a tradição das Relações Internacionais: O Estado de Wendt não é apenas material, na verdade o material é um efeito colateral de um interesse dinâmico. Se esse Estado não é material, é uma construção social, e é justamente nesse ponto que os movimentos sociais atuam, o mundo que nos foi legado pode não ser o mundo que vamos legar.

Durante a história do negro nos Estados Unidos mudanças estruturais enormes já aconteceram, embora não o suficiente, foi através da atuação de entidades e indivíduos e esse eterno diálogo com a sociedade estabelecida, a abolição do regime escravista foi um grande impacto na forma como o Estado Americano funcionava, a constante luta pelos direitos civis serem praticados conforme prometido por Abraham Lincoln, levou a comunidade que partilhava de um traço identitário oprimido se organizar, essas organizações tornam-se instituições e essas instituições materializam a causa, forçando o governo a interagir, e nessa interação que mudanças acontecem, foi assim que derrubaram Jim Crow, que o casamento homoafetivo foi legalizado, que pela primeira vez uma mulher, multirracial, tornou-se vice presidente, como recém concretizado com a administração Biden e Harris.

Em suma, desde que Wendt propôs sua teoria, ela está sob escrutínio, Wendt tenta construir uma ponte entre o racionalismo e o refletivismo, sua teoria adere à ontologia do refletivismo e à epistemologia do racionalismo. Isso significa que sua teoria provavelmente será criticada por ambos os lados (HOPF, 1998). Por exemplo, o estudioso neoliberal Robert Keohane criticou Wendt por uma orientação errada do neoliberalismo, ou seja, ele incorporou o neoliberalismo ao materialismo (ALKER, 2000). Além disso, Independentemente disso, o trabalho teórico de Alexander Wendt aprimora nossa compreensão de identidades, interesses e ações dos Estados. Consequentemente, amplia a compreensão das Relações Internacionais sobre anarquia e fenômenos que não podem ser bem explicados por outras teorias, como a dissolução da União Soviética, ou a relevância do “*#blacklivesmatter*”.

4.2 O capitalismo e a liberdade

Existe uma conexão inevitável entre capitalismo e democracia. Nesse sentido, não só os dois costumes de controle público descentralizado têm afinidade eletiva como formas de democratização e empoderamento, tendo em vista ser um contraponto ao poder governamental irrestrito, que desloca o mercado, enfraquece a democracia e, eventualmente, leva a uma ditadura.

Nota-se então o capitalismo como um pré-requisito pela liberdade. Milton Friedman autor de *Capitalismo e liberdade* (1962) critica a premissa de que política e a economia podem ser consideradas separadamente e que qualquer combinação de sistema político e econômico é viável. Ele chama essa visão de "uma ilusão", sustentando que há "uma conexão íntima entre economia e política". Embora Friedman admita que exista a possibilidade de uma sociedade economicamente livre e politicamente reprimida, o oposto é completamente impossível.

Além disso, essa liberdade econômica é um elemento crucial da liberdade individual, como também é fundamental para apoiar a liberdade política. Como Friedman escreve:

-Liberdade política significa a ausência de coerção de um homem por seus semelhantes. A ameaça fundamental para liberdade é o poder de coagir, sejam as mãos de um monarca, um ditador, uma oligarquia ou uma maioria momentânea ... Retirando a organização da atividade econômica do controle da autoridade política, o mercado elimina essa fonte de poder coercitivo. Permite à economia força para ser um freio ao poder político, em vez de um reforço. (tradução nossa)¶

O objetivo do liberal então é promover e garantir a liberdade econômica e política, e o requisito é engajar-se na discussão livre e na cooperação voluntária. Não há espaço para coerção neste processo. Garantir um ambiente aberto de discussão livre e cooperação voluntária permite -Unanimidade sem conformidade.¶ Todavia, ainda existem valores com os quais acordos podem não ser a resolução. Friedman afirma que a única maneira de decidir sobre essas diferenças é por meio do conflito. Ele acredita que o papel do governo é minimizar essas diferenças auxiliando os mercados, de acordo com Friedman: -Um mercado impessoal separa atividades econômicas de pontos de vista políticos e protege os homens de serem discriminados em suas atividades econômicas por razões que são irrelevantes para sua produtividade. ¶ O que não sugere que não há papel para o governo. Pelo contrário, Friedman argumenta que existem áreas que a intervenção do governo é necessária para apoiar a liberdade pessoal. Suas principais funções devem ser para preservar a lei e a ordem, fazer cumprir contratos privados e promover mercados competitivos. Portanto, aplicando o conhecimento de Friedman a causa do movimento *Black lives matter* e sua interação com a ordem vigente da estrutura internacional (capitalista), o caminho para a liberação negra passaria primeiramente pela liberdade econômica, a independência financeira do mercado é justamente o que protege que a mudança necessária na dinâmica de poder político aconteça, se o governo controla o mercado o poder de coerção deste é ilimitado domesticamente. Então nas palavras de Friedman -Uma sociedade

que põe igualdade antes de liberdade não terá nenhuma das duas, Uma sociedade que põe liberdade antes de igualdade terá um alto grau das duas.¶(tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência negra nos Estados Unidos da América passa por uma construção social de sua história reprimida pelo processo de marginalização e violência abusiva cometida pelo Estado. A cidadania do afro americano adquiriu um aspecto de segunda classe, o constante assédio e estado de vigilância nas comunidades negras pelo País remetem a isso, tiveram a restrição de seus direitos básicos e fundamentais por muito tempo, e a conquista veio através da manifestação por visibilidade e solidariedade humana, embora o passado racista reverbere no presente autoproclamado Estado daltônico.

Como visto no segundo capítulo, as sementes do acirramento dos problemas étnicos nos Estados Unidos foram semeados durante o período da própria fundação do Estado. O uso da política –Iguais mas separados‖ em resposta ao recém livre negro pela elite branca que buscou a institucionalização do estado de classes acabou favorecendo determinados grupos em detrimento de outros. A falta de interesse com as implicações sociais advindas desse processo, por parte do Governo Americano, culminou numa profunda crise cultural e social no Estado. E a retórica da segregação étnica no País, em especial no sul confederado, foi utilizada pelos governantes políticos para a promoção da discriminação sistêmica contra as minorias étnicas.

Os Estados Unidos sofre com décadas de tensões entre as comunidades étnicas e marginalização política e econômica. A confiabilidade nas instituições governamentais de resolverem por si a problemática é baixa, uma vez que o braço coercitivo do Estado é o responsável pelas mortes e encarceramento em massas do grupo minoritário . Pelos temores arraigados das intensões de grupos do Estado, que nasce um movimento social que afirma justamente o contrário do que o Estado faz, que a vida negra importa..

A reflexão sobre a convencional teoria Realista do corpo teórico das Relações Internacionais é abordada por uma perspectiva Construtivista e a posição dos atores não Estatais é usada para ilustrar a mudança de sociedade moderna para contemporânea, conforme aparece no terceiro capítulo, promovendo a análise desse cenário sob uma perspectiva diferenciada das lentes dicotômicas do tradicional debate realismo e liberalismo, trazendo à tona a necessidade de reavaliar o conceito de interesse nacional, deslocando seu foco a dinamicidade do mundo das ideias ao invés da rigidez do materialismo.

A globalização é um fenômeno que vem positivamente afetar a questão da liberação negra, assim como desenvolvendo o diálogo e possíveis mudança na estrutura racista vigente

em boa parte do globo, além dos Estados Unidos. No último capítulo foram analisados as relações entre os fatores-chaves desse trabalho, foi constatado que existe uma intensa relação entre o movimento e a globalização, o Construtivismo de Alexander Wendt e a real mudança e a necessidade do libertar econômico prévio ao libertar político.

Não houve uma ação eficaz que levassem os culpados das atrocidades cometidas em baixo da instância Estatal à justiça e nem que promovesse uma mudança estrutural no âmbito da criminalização da pobreza na América. Por meio da vigilância da sociedade internacional para com o futuro do departamento policial, assim como para freiar de agora as mortes predatórias na comunidade negra, que a sociedade civil e dentre outras organizações, exportam os acontecimentos a opinião internacional, pressionando o governo a agir, em contraste a imagem exportada da –terra do livrell.

Qualquer solução que não seja conduzida sob uma ligação legal internacional não terá efeito duradouro. É necessário vontade política e uma liderança mais assertiva por parte do Governo dos EUA em busca de uma resposta rápida para resolver essa crise humanitária e ameaça existencial da população negra. O desafio a ser enfrentado é ampliar a discussão na comunidade internacional sobre o racismo estrutural, tão menosprezado, como também, punir os responsáveis por crimes oriundos dessa cruel sistêmica. Ademais, a reconstrução social é uma solução sustentável ao longo prazo, mas incerto pelas amarraduras já estabelecidas no âmbito sociocultural do país.

REFERÊNCIAS

- BANKS, M. "**The inter-paradigm debate.**" *In*: International Relations: A Handhook of Current Theory. Light, M.; Groom, A. J. R. Londres: Frances Pinter, 1985.
- BEDIN, Gilmar Antonio. **Sociedade internacional e o século XXI**: em busca da construção de uma ordem mundial justa e solidária. Ijuí: Unijuí, 2001.
- CARR, Edward Hallet. **Vinte anos de crise**: 1919-1939. Brasília: UnB, 1981.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- FUNDAÇÃO IBGE. Censo industrial do Brasil – 1907 – o Brasil – Suas Riquezas Naturaes; Suas Industrias. Rio de Janeiro: FIBGE, 1986. (Série Histórica).
- GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Princeton: Princeton University Press, 1981.
- GUZZINI, Stefano; LEANDER, Anna. (2001). A social theory for international relations: an appraisal of Alexander Wendt's theoretical and disciplinary synthesis. **Faculty of Social Sciences, Centre of International Relations**, v. 4, n. 4, p. 316-338, 2001. Disponível em: file:///C:/Users/ricardo/Downloads/GuzziniLeanderJIRD2001.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.
- HAKUTANI, Yoshinobu. "No Name in the Street: James Baldwin's Exploration of American Urban Culture." *In*: HAKUTANI, Yoshinobu. **Cross-cultural visions in African Americ**: from spatial narrative to Jazz Haiku., Columbus: Ohio State University Press, 2006. p. 60-7.
- JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- KEOHANE, R. O.; Nye, j. **Power and Interdependence**: world politics in transition. Boston: Little, Brown and Company, 1977.
- KEOHANE, R. O. "**International Institutions**: Two Approaches". *International Studies Quarterly*, v. 32, n. 4, p. 379-396, 1988.
- KEOHANE, R. O. (ed.). **Neorealism and its Critics. New Directions in World Politics**. New York: Columbia University Press, 1986.
- KING JR., Martin; WASHINGTON, James. **A Testament of Hope**: the essential writings of Martin Luther king, jr. (San Francisco: Harper & Row, 1986), 316.
- LAPID, Y "The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era". *International Studies Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 235-254, 1989.
- MALCOM X, speech at the founding rally of the Organization of Afro- American Unity, New York, June 28, 1964, <http://www.blackpast.org/1964-malcolm-x-s-speech-founding-rally-organization-afro-american-unity>.

MEARSHEIMER, John J. **The tragedy of Great Power Politics**. Chicago: University of Chicago, 2003.

MORGENTHAU, H. J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Brasília: UnB, 2003.

NOGUEIRA, Joao Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

ONUF, Nicolas. **World of our making: rules and rule in social theory and international**. [s. l.]: routledge, 2015.

SWISS, Liam. *The Canadian Journal of Sociology*. **Cahiers Canadiens De Sociologie**, v. 34, n. 2, p. 520-522, 2009. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/canajsocicahican.34.2.520>. Acesso em: 31 maio 2021.

TATE, Julie; JENKINS, Jennifer; RICH, Steven. 967 people have been shot and killed by police in the past year. **The Washington Post**. Washington, D.C, p. 1-1. maio 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>. Acesso em: 12 maio 2021.

TAYLOR, Keeanga–Yamahtta. **From #blacklivesmatter to black liberation**. Chicago: Haymarket Books, 2016.

TUCÍDIDES. **The Peloponnesian War**. Chicago: University of Chicago Press, 1989. Tradução livre.

WAEVER, O. The rise and fall of the inter-paradigm debate. In: SMITH, S.; BOOTH, K.; ZALEWSKI, M. (ed.). **International theory: postivism & beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 149-187.

WALTZ, K. N. **Theory of International Politics**. Reading, Mass.: AddisonWesley, 1979.

WENDT, Alexander. “Anarchy Is What States Make of It: the social construction of power Politics.” *International Organization*, v. 46, n. 2, p. 391– 425. 1992. Disponível em: www.jstor.org/stable/2706858. Acesso em: 25 abr. 2021.